

O DIÁRIO DE MEDÉIA

Pseudônimo: ERCÍLIA DE ABREU

Guiomar de Grammont

FAFICH

Mestrado em Filosofia

Devo começar por meu nome, porque é a coisa que menos importa, se é que algo importa.

Meu nome é Isaura, tive amantes, tenho filhos, tenho um homem. Às vezes os odeio a todos.

Fabrico poções para matá-los como Medéia traída, mas sou eu que traio. Ou seria um sonho? Como a personagem de Belle de Jour. Mas quem pode dizer a diferença entre a realidade e o sonho? Agora mesmo, à luz da lua, as baratas saem de suas tocas sujas, as bruxas murmuram e os espíritos rondam pelo ar. Amo demais e devoro... esfinge geratriz. Não sei o que é pior: amar demais ou odiar.

Amanhã faço o café, arrumo as camas e saio. Trabalho como todas as mulheres classe média do meu tempo. Quero que se fodam os políticos. Tenho raiva de viver em um tempo onde não há mais terrorismo, porque queria matá-los todos com balas quentes da minha decepção. Fui fiscal do Sarney, bato uma máquina fedorenta, vou para a cama com o meu chefe todas as sextas-feiras.

Aos sábados meu marido trepa em mim como um porco e então solto a puta que há em mim. Quando não consigo gozar vou para o banheiro e me masturbo.

Fico de mau humor o dia inteiro quando os meninos batem na porta e interrompem.

Tive boa educação e na infância me impediam de dizer palavrões, me obrigavam a ficar de pernas fechadas para ocultar meu sexo. Foi assim, de pernas apertadas, que descobri o prazer, o gozo. Sozinha, autofágica.

Ele acorda, trepamos. Tenho vontade de queimar sutians em praças públicas, me sinto um reservatório de leite e de porra. Depois vomito tudo e sinto desprezo pelas feministas e suas lutas ridículas. Que posso fazer se o que queria era trepar com o aturdido Marcello de Cidade das Mulheres e satisfazê-lo inteiramente e deixá-lo me sugar e me esquartejar toda?

Temos um carro usado, compramos a casa pelo BNH, contribuo em todas as contas, vamos à praia duas vezes por ano passar quinze dias em uma casa emprestada por parentes. Temos amigos que vêm jogar baralho.

Tenho saudade da Faculdade, o cheiro de maconha me fissura, mas outro dia dei uns tapas no menino mais velho porque achei uma ponta no caderno dele. Eu disse assim: vou contar pro teu pai.

Penso em separar todo o tempo, acho que o amor não existe, é coisa de novelas. Mas o que me mata é esse maldito "acho". Por que a merda dessa ilusão guardada que ainda ataca as mulheres? No fundo sou carne da minha mãe e da minha avó e assim por diante.

Tenho um analista e estou naquela fase em que se morre de vontade de foder com ele. Tenho raiva dele, pago as consultas todas as sessões porque todo mundo faz isso. Saio duvidando se a doença do mundo não é essa maldita análise: Pagar para ser importante para alguém por uma hora. Eu precisava de um analista para escapar do vício da análise.

Não sei qual delas odeio mais, a minha sogra ou a minha mãe. A minha sogra por causa da sua ligação torpe e nojenta com aquele idiota que ela transforma em deus. A minha mãe porque... deixa pra lá, preciso de mais sessões de análise para falar sobre isso.

Somos estranhos um pro outro. Acho incompreensíveis as contas que ele faz, mesmo quando elas me asfixiam. Falamos de tudo e de nada.

Um dia ele foi... faz tanto tempo que eu esqueci.

Eu li muito no ginásio, ninguém fazia isso, mas eu gostava de fugir da porcaria desse mundo. Fiz faculdade, fui professora dois anos, passei fome, me enchi dessas coisas que falam de nada e coisa nenhuma. Tenho asco por todos estes que fingem escrever e acham que vão se tornar alguma coisa na vida. Mesmo assim, de vez em quando, rabisco papéis onde não me reconheço e, se acreditasse nisso, diria que são psicografados do além.

No tempo das guerrilhas eu era uma moça de família, idiota e bein comportada. As vezes fico pensando se a absurda vontade de matar não é vontade de morrer. Mas sou muito ridícula até para a morte, medrosa e boba e adoro ir ao clube aos domingos falar do último capítulo da novela.

Dormi com o marido da minha melhor amiga, acho que ela já dormiu com o meu. Podíamos fazer uma festinha os quatro, mas somos babacas demais mesmo para algo assim. Outro dia vi uma manchas no meu braço, achei que era AIDS, peguei o carro para ir ao médico, no caminho encontrei (num sinal vermelho) um velho amigo. Lanchamos juntos e fomos para o motel. Gozei até me sair porra pelas orelhas.

As manchas sumiram dali a um mês.

Fiquei grávida, esse agora não sei de quem é. Já fiz dois abortos, tenho três filhos. Fui fazer outro aborto, mas tenho trinta e sete anos — fui hippie um pouco tardia — quem sabe não é a última vez? Que me importa, todas as mulheres detestam ter filhos. Vou no carro repetindo e me convenço. Sempre é a mesma amiga que vai comigo. Estou cheia. Mas antes isso que a menopausa.

Apesar de tudo, pra que sofrer com a menopausa? Penso assim porque ela não chegou? Talvez. Por enquanto vivo, essa vida de merda, mas toda vida é merda e por sorte essa espécie em breves milhares de anos se terá extinguido.